

2025

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA

Análise do Primeiro Trimestre de 2025

SUMÁRIO

- 01** Mensagem da Presidente
- 02** Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)
- 03** Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)
- 04** Pesquisa Industrial Mensal (PIM)
- 05** Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)
- 06** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)
- 07** Reconhecimentos





Poema Isis Andrade de Souza

presidencia@coreconpe.gov.br

Presidente do Corecon-PE e Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Nesta primeira edição do Boletim de Conjuntura Econômica de 2025, elaborada pelo Corecon-PE, reforçamos a importância da análise conjuntural do Brasil, com ênfase para o estado de Pernambuco, dos principais indicadores econômicos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que são referentes às atividades de serviços, indústria, comércio, inflação e desemprego. Assim, optou-se em fazer uma análise do primeiro trimestre para verificar o quanto a economia pernambucana está em consonância com a trajetória da economia brasileira.

Portanto, as informações levantadas da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), Pesquisa Industrial Mensal (PIM), Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) para o primeiro trimestre de 2025 mostram a “fotografia” da economia brasileira e pernambucana. Assim, a análise desses dados contribui para um melhor entendimento desses cenários, com reflexões que podem auxiliar nos possíveis “ajustes” das políticas econômicas desenvolvidas em Pernambuco. Que tenham uma boa leitura!

PESQUISA MENSAL DE SERVIÇOS (PMS)

Variação positiva no primeiro trimestre de 2025 do setor de serviços no Brasil não foi observada no estado de Pernambuco

Poema Isis Andrade de Souza

presidencia@coreconpe.gov.br

Presidente do Corecon-PE e Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade Federal Rural de Pernambuco



A análise trimestral do setor de serviços é de extrema importância para entender a dinâmica do PIB do Brasil e suas regiões, por ser o principal setor econômico do país. Desta forma, ao se verificar os últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o desempenho do setor de serviços referentes ao mês de março de 2025 para a economia brasileira e suas unidades da federação, e encerramento do primeiro trimestre deste ano, constatou-se que a trajetória positiva observada para o Brasil não se configurou na economia pernambucana. Enquanto o país apresentou um crescimento de 0,3% do volume de serviços em março, em relação ao mês de fevereiro, Pernambuco teve uma retração significativa de 2,7% e foi o estado da região Nordeste com o pior desempenho dos serviços em março, seguido por Alagoas (-2,1%), Paraíba (-1,6%) e Maranhão (-0,6%). Os demais estados nordestinos apresentaram crescimento das atividades de serviço no mês de março, com destaque para o Piauí (+1,9%), Bahia (+1,5%) e o Rio Grande do Norte (+1,5%). A Figura 1 contém a taxa de variação do setor de serviços para cada mês do ano, em relação ao mês anterior, para o Brasil e as unidades da federação da região Nordeste, no primeiro trimestre de 2025.

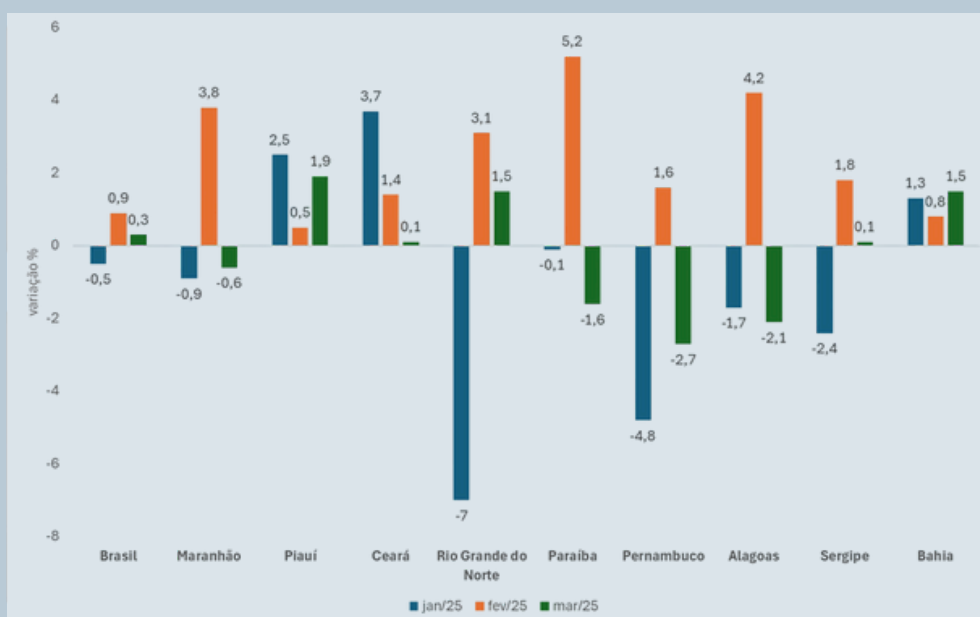


Figura 1 – Variação do volume do setor de serviços em relação ao mês anterior

Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços – PMS/ IBGE (2025).



Se comparada a variação do volume do setor de serviços no mês de março de 2025 em relação ao mesmo mês em 2024, a economia brasileira teve uma alta do volume de 1,9%, enquanto a economia pernambucana teve uma piora de 4,7% e foi o estado da região Nordeste com a maior retração do setor de serviços no mês de março, seguido do Piauí (-1,6%). Destaca-se, portanto, que Pernambuco divergiu fortemente dos demais estados nordestinos que apresentaram variações positivas no setor de serviços no mês de março, em relação ao mesmo mês em 2024. Adiciona-se ainda, que apesar dessa contração, os meses de janeiro e fevereiro tiveram aumento no setor de serviços pernambucano quando comparado mesmo período de 2024. Essas informações estão disponíveis na Figura 2, a seguir.

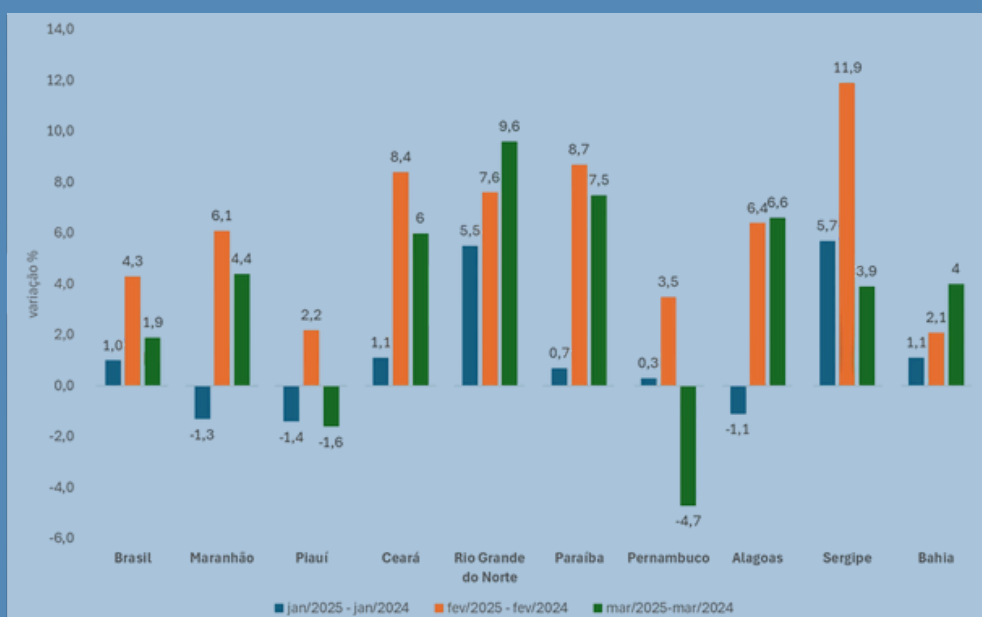


Figura 2 – Variação do volume do setor de serviços em relação ao mesmo mês do ano anterior

Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços – PMS/ IBGE (2025).

Para entender o desempenho da produção do setor de serviços no primeiro trimestre de 2025 de forma mais sintética, foram analisadas as variações acumuladas neste período para o Brasil e para os estados do Nordeste. Portanto, observou-se que a economia brasileira teve uma alta de 2,4% do setor de serviços no primeiro trimestre deste ano, em comparação com o mesmo período de 2024, o que mostra um sinal de crescimento econômico consistente, porém, essa trajetória não foi observada no estado de Pernambuco, que no acumulado teve uma leve retração de 0,4% dos serviços nesse período, de forma semelhante ao observado no estado do Piauí (-0,3%). Salienta-se que os demais estados do Nordeste estão com taxas de crescimento elevadas acumuladas neste primeiro semestre para o setor de serviços, com os maiores valores observados no Rio Grande do Norte (+7,5%), Sergipe (+7%) e a Paraíba (5,5%), conforme a Figura 3.

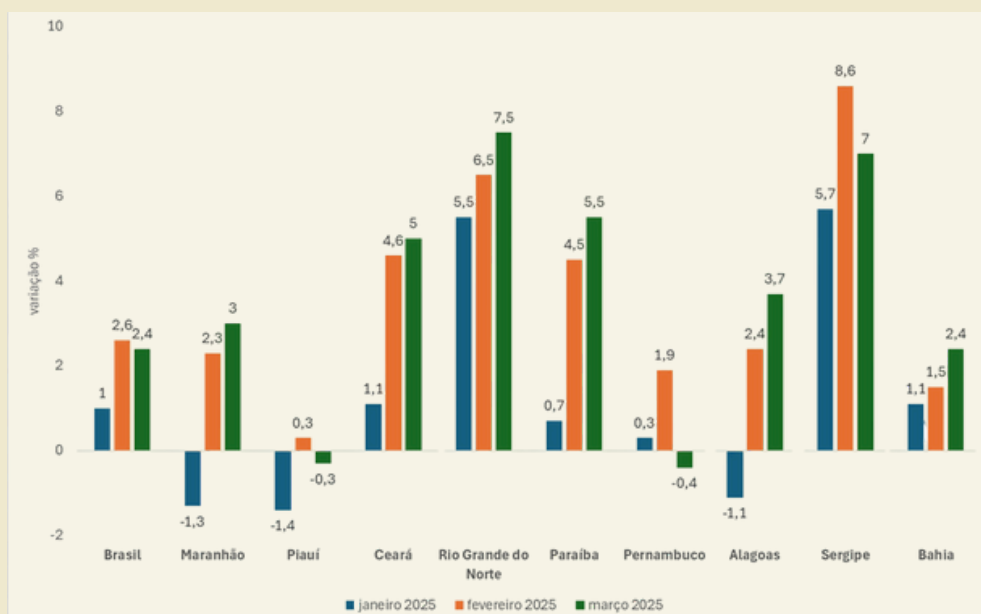


Figura 3 – Variação acumulada do volume do setor de serviços em relação ao mesmo período do ano anterior

Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços – PMS/ IBGE (2025).

Por fim, ao verificar o volume das atividades do setor de serviço e seu desempenho agregado no primeiro trimestre na economia brasileira, destacou-se na economia nacional o avanço do setor de transporte aéreo, com um aumento de 16% no primeiro trimestre, em relação ao ano anterior, seguido dos Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), com 7,4%, e do setor de esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação que variou 3,9%. Já a economia pernambucana teve um aumento no trimestre dos serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio de 4,5% e uma retração acentuada dos serviços prestados às famílias (-6,9%) e dos serviços profissionais, administrativos e complementares (-5,8%).

Adicionalmente à análise de todos os segmentos do setor de serviços, destacou-se o desempenho do volume das atividades turísticas no primeiro trimestre de 2025 em relação ao mesmo período de 2024 uma vez que o segmento é muito importante para a economia brasileira, nordestina e pernambucana. Portanto, ao verificar o desempenho do Brasil no segmento neste primeiro trimestre, as atividades turísticas tiveram um crescimento de 5,4% no território nacional, enquanto o estado de Pernambuco teve uma variação de apenas 0,5% no mesmo período, que coincidiu com a taxa de crescimento do mês de março em relação a fevereiro. Entre os estados nordestinos que fazem parte desta pesquisa, a Bahia teve a melhor performance, com um crescimento acumulado de 8,9%, seguida do Ceará (+7,2) e do Rio Grande do Norte (+6,1%). Já o estado de Alagoas teve uma retração de 1,2% do setor de turismo, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços. A seguir, a Figura 4 contém essas taxas de variação das atividades turísticas.

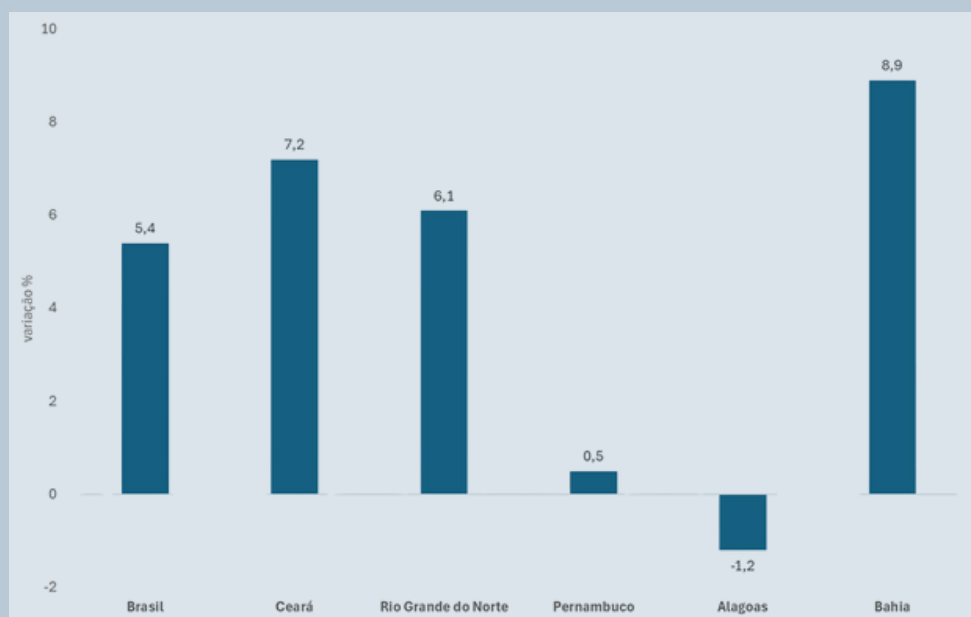


Figura 4 – Variação acumulada do volume das atividades turísticas no primeiro trimestre de 2025 em relação ao mesmo período do ano anterior

Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços – PMS/ IBGE (2025).

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal de Serviços [relatório]. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 23/05/2025.



PESQUISA MENSAL DE COMÉRCIO (PMC)

O setor de Comércio no 1º trimestre de 2025: Brasil e Pernambuco

Isabel Pessoa de Arruda Raposo

isabel.raposo@fundaj.gov.br

Conselheira Suplente do Corecon-PE e Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)



Em todo o território nacional, o setor de comércio cresceu em média 1,20% no primeiro trimestre de 2025. Dentre as 27 Unidades da Federação pesquisadas, a maior parte delas apresentou uma variação positiva.

Pernambuco teve um desempenho no setor ligeiramente inferior à média nacional, avançando cerca de 1% no primeiro trimestre e ocupando a 5ª posição no ranking de crescimento dos estados do Nordeste. Os segmentos de móveis e eletrodomésticos (12%) e de material de construção (4,80%) estão entre os que mais alavancaram o crescimento do setor no estado.

CONTEXTO GERAL DA PESQUISA

Esta seção é dedicada a apresentar uma análise regional e temporal do setor de comércio varejista e atacadista para todo o país e suas 27 Unidades da Federação (UFs), concentrando-se na posição relativa do Estado de Pernambuco comparativamente ao resto do país. Toda a análise se baseia nas estatísticas produzidas pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE divulgada para o mês de março de 2025.

A PMC acompanha a evolução do comércio varejista e foca na receita bruta de revenda, total e por UF. A partir dela, dois tipos principais de índices são derivados para sintetizar as atividades comerciais:

- **Índice de Comércio Varejista:** Abrange as atividades com receita predominantemente varejista, como combustíveis, supermercados, vestuário, móveis e eletrodomésticos, produtos farmacêuticos, equipamentos de informática, livros e outros artigos de uso pessoal e doméstico.
- **Índice de Comércio Varejista Ampliado:** Inclui os grupos do varejo, adicionando segmentos de veículos e motocicletas (partes e peças), material de construção e atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo.



RESULTADOS AGREGADOS DO SETOR

A seguir apresentaremos os resultados de volume de vendas das atividades que compõem o comércio varejista e varejista ampliado, ao longo dos últimos meses para todo o país e Pernambuco. As séries de indicadores são ajustadas sazonalmente e consideram fatores como efeito calendário, feriados específicos (Carnaval, Páscoa e Corpus Christi) e a identificação de outliers (IBGE/ PMC, 2025).

As Figuras 1 e 2 trazem as informações para o Brasil e todas as 27 UFs pesquisadas. Observa-se que em março de 2025, para todo o país, os setores de Comércio Varejista (Figura 1) e o de Comércio Varejista Ampliado (Figura 2) apresentaram um crescimento positivo de 1,20% e 1,10%, em relação ao primeiro trimestre de 2024. Este desempenho reflete o próprio crescimento do PIB brasileiro para o primeiro trimestre do ano, que teve uma expansão de 1,60% em relação ao primeiro trimestre de 2024, segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV (Fundação Getulio Vargas) (IBRE/FGV, 2025). As atividades de comércio fazem parte do setor de serviços, o qual representa a maior parcela do PIB do país, cerca de 60% a 70%.

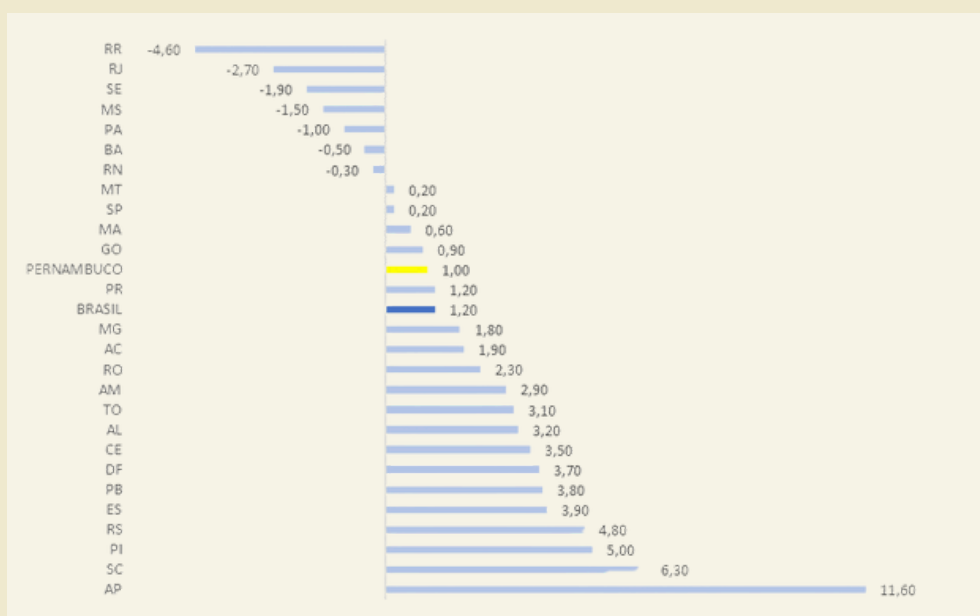


Figura 1 – Volume de vendas do comércio varejista – variação (%)
1º trimestre de 2025 (1)

Fonte: IBGE/ PMC, 2025

(1) Base: igual período do ano anterior

Dentre as UFs pesquisadas, o estado do Amapá foi o que mais cresceu no período avaliado, apresentando um avanço expressivo de 11,60% no setor de varejo e de 12% no varejo ampliado. Já o estado de Roraima sofreu a maior retração neste primeiro trimestre de 2025, para o setor de varejo, enquanto que para o varejo ampliado, Maranhão teve a maior queda no período, uma retração de -4,60% para ambos os casos.

Pernambuco demonstrou um desempenho ligeiramente abaixo da média nacional para o comércio varejista, tendo avançado apenas 1% no período de janeiro a março de 2025 (Figura 1). No setor de varejo ampliado, o estado também apresentou um crescimento modesto de 0,7%, performance inferior à média nacional (Figura 2). Comparativamente aos demais estados do Nordeste, Pernambuco teve o 5º maior crescimento, em ambos os setores do comércio.

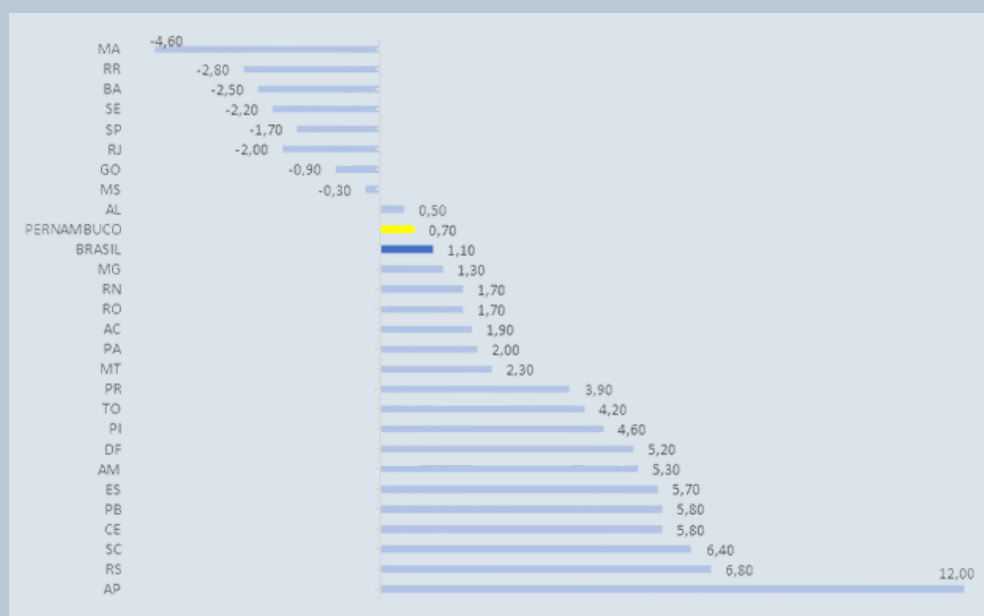


Figura 2 – Volume de vendas do comércio varejista ampliado – variação (%)
1º trimestre de 2025 (1)

Fonte: IBGE/ PMC, 2025

(1) Base: igual período do ano anterior

RESULTADOS POR ATIVIDADES

As Tabelas 1 e 2 oferecem um panorama desagregado do setor de comércio, por grupos de atividades. Considerando-se o primeiro trimestre de 2025, o comércio brasileiro teve um desempenho positivo em quase todas as atividades do setor, destacando-se os maiores avanços nos segmentos de material de construção (6,30%); móveis e eletrodoméstico (5,80%); partes e peças de veículos e motos (5,30%); tecidos, vestuários e calçados (4,00%). Nos últimos 12 meses, o setor acumulou um crescimento de 3,10%, apresentando uma ascensão positiva em quase todas as atividades do setor, com exceção do atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo (-8,20%); das atividades de livros, jornais, revistas e papelaria (-5,90%) e de combustíveis e lubrificantes (-1,00%) (vide Tabela 1).

BRASIL	1º trim. 2025	Últimos 12 meses
COMÉRCIO VAREJISTA	1,20	3,10
Combustíveis e lubrificantes	0,90	-1,00
Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	0,30	2,80
Tecidos, vest. e calçados	4,00	3,70
Móveis e eletrodomésticos	5,80	5,60
Artigos farmacêuticos, med., ortop. E de perfumaria	3,60	6,50
Livros, jornais, rev. e papelaria	-3,70	-5,90
Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-1,50	0,40
Outros arts. de uso pessoal e doméstico	0,10	5,50
COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	1,10	3,00
Veículos e motos, partes e peças	5,30	10,50
Material de construção	6,30	6,80
Atacado Prod.Alimen., Beb. e Fumo	-6,80	-8,20

Tabela 1 – Indicador do volume de vendas do comércio varejista e do comércio varejista ampliado, segundo grupos de atividades – variação (%) - Brasil
(base: igual período do ano anterior)
Fonte: IBGE/ PMC, 2025

Em Pernambuco, Tabela 2, o crescimento no setor de comércio no primeiro trimestre de 2025 foi impulsionado pelas atividades de móveis e eletrodomésticos (12,00%) e de material de construção (4,80%), enquanto que os segmentos de equipamento e material para escritório, informática e comunicação (-8,90%) e de combustíveis e lubrificantes (-4,80%) reduziram a performance do setor. No acumulado dos últimos 12 meses, o comércio de Pernambuco foi significativamente impulsionado pelas vendas de partes e peças de veículos e motos (13,60%), refletindo a demanda crescente por insumos deste segmento, estimulada pelas corridas de aplicativos. Já as vendas de móveis e eletrodomésticos (12,00%) permaneceram contribuindo sistematicamente para o desempenho do setor nos últimos 12 meses.

PERNAMBUCO	1º trim. 2025	Últimos 12 meses
COMÉRCIO VAREJISTA	1,00	3,40
Combustíveis e lubrificantes	-4,80	-2,00
Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	0,70	4,30
Tecidos, vest. e calçados	0,60	-5,30
Móveis e eletrodomésticos	12,00	12,10
Artigos farmacêuticos, med., ortop. E de perfumaria	-0,60	3,90
Livros, jornais, rev. e papelaria	4,20	6,50
Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-8,90	-3,80
Outros arts. de uso pessoal e doméstico	4,30	5,70
COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	0,70	5,20
Veículos e motos, partes e peças	-3,00	13,60
Material de construção	4,80	4,30
Atacado Prod.Alimen.,Beb. e Fumo	4,20	1,40

Tabela 2 – Indicador do volume de vendas do comércio varejista e do comércio varejista ampliado, segundo grupos de atividades – variação (%) - Pernambuco
(base: igual período do ano anterior)
Fonte: IBGE/ PMC, 2025

REFERÊNCIAS

- IBGE. Indicadores IBGE: Pesquisa Mensal do Comercio. Março, 2025.
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA – IBRE/ FGV. Boletim Macro. Março, 2025.



PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL (PIM)

de Pernambuco – Produção Física

Primeiro trimestre de 2025

César Augusto Lins de Andrade

cezar.andrade@sistemafiepe.org.br

Conselheiro do Corecon-PE e Economista-Chefe da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco.



VISÃO GERAL

O primeiro trimestre de 2025 foi caracterizado por um cenário de elevada volatilidade na produção industrial de Pernambuco, refletindo tanto condicionantes conjunturais de curto prazo quanto desafios estruturais que impactam a dinâmica produtiva local. Esse ambiente adverso decorre de uma combinação de fatores internos e externos, que, de forma simultânea, comprometeram a trajetória de recuperação observada no segundo semestre de 2024 e acentuaram as oscilações no desempenho do setor industrial no início de 2025.

De acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional (PIM-PF), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pernambuco apresentou retrações expressivas nos três primeiros meses do ano. Na comparação com os meses imediatamente anteriores, os resultados foram negativos em janeiro (-22,3%), fevereiro (-21,3%) e março (-22,6%). No agregado trimestral, a indústria pernambucana acumula uma queda de 20,8%, a maior entre os 17 locais pesquisados no país, refletindo a severidade da desaceleração da atividade industrial local.

Esse desempenho desfavorável é explicado, majoritariamente, pela paralisação temporária da Refinaria Abreu e Lima (RNEST), decorrente das intervenções necessárias para a conclusão das obras de modernização e expansão do Trem 1, que comprometeram significativamente a produção do setor de fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, com quedas acumuladas superiores a 89% no trimestre. A paralisação da refinaria, além de reduzir diretamente a oferta de combustíveis e derivados, gerou efeitos indiretos na cadeia de suprimentos, impactando diversos segmentos industriais que dependem desses insumos para suas atividades produtivas.

Adicionalmente, o setor de fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores, apresentou uma retração expressiva, acumulando quedas superiores a 62% no trimestre. Este desempenho reflete, em grande medida, a redução das encomendas no segmento naval — particularmente na construção e manutenção de embarcações —, associada à retração no mercado de bens de capital e à desaceleração de investimentos produtivos.



Outro segmento que contribuiu negativamente para o desempenho trimestral foi o de produtos de minerais não metálicos, fortemente vinculado às cadeias da construção civil e da indústria de transformação. Esse setor foi afetado pela elevação dos custos de produção, pela desaceleração do setor imobiliário e por um ambiente macroeconômico ainda marcado por restrições financeiras, elevadas taxas de juros e menor propensão ao investimento.

Por outro lado, é importante destacar que alguns setores conseguiram apresentar desempenho relativamente mais resiliente ao longo do primeiro trimestre de 2025. Setores como alimentos, bebidas, produtos químicos e minerais não metálicos (em alguns segmentos específicos) registraram taxas positivas de crescimento em determinados meses, sustentadas pela demanda interna mais robusta, estabilidade relativa dos custos e menor exposição às cadeias produtivas mais voláteis ou dependentes de insumos energéticos e combustíveis.

A tabela abaixo apresenta o desempenho setorial no acumulado do primeiro trimestre:

Setores	Var (%) Acumulado do ano
Indústria de transformação	-20,8
3.10 Fabricação de produtos alimentícios	0,3
3.11 Fabricação de bebidas	4,1
3.17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	1,9
3.19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-89,8
3.20C Fabricação de outros produtos químicos	-3,2
3.22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-6
3.23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-7,2
3.24 Metalurgia	-20,2
3.25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-1,3
3.27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	12,9
3.29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	10
3.30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-62,1

Tabela 1 – Desempenho (%) dos segmentos industriais em Pernambuco – 2025¹

Fonte: IBGE / Produção Industrial Mensal – Produção Física – PIM-PE (2025).

¹acumulado do ano em março

ANÁLISE SETORIAL

Setores com Desempenho Negativo no Trimestre:

- **Fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis:** queda de 89,8% no trimestre. Principal impacto decorre da paralisação da Refinaria Abreu e Lima em janeiro e fevereiro. A retomada parcial em março ainda não foi suficiente para compensar o tombo acumulado.



- **Fabricação de outros equipamentos de transporte (exceto veículos automotores):** redução de 62,1% no trimestre. Setor impactado pela menor demanda de bens de capital, especialmente no setor naval e de equipamentos industriais.
- **Metalurgia:** queda de 20,2%. Reflete a contração na cadeia de construção civil e redução de demanda por produtos metálicos.

Setores com Desempenho Positivo no Trimestre:

- **Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos:** crescimento de 12,9%. Setor impulsionado pelo aumento da demanda por equipamentos elétricos, automação industrial, energias renováveis e investimentos em infraestrutura energética.
- **Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias:** alta de 10%. Desempenho favorecido pela retomada da produção de veículos, expansão das linhas de montagem e maior demanda do mercado regional, especialmente no segmento de veículos leves e comerciais.

Fabricação de bebidas: crescimento de 4,1%. Beneficiado pela combinação dos efeitos sazonais do verão, eventos regionais, aquecimento no turismo e incremento no consumo doméstico

COMPARATIVO REGIONAL E NACIONAL

No primeiro trimestre de 2025, Pernambuco apresentou o pior desempenho industrial entre os 17 parques industriais analisados pela Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional (PIM-PF), do IBGE, registrando uma expressiva retração acumulada de 20,8% no período.

No contexto regional, a indústria do Nordeste também apresentou desempenho negativo no primeiro trimestre de 2025, com uma retração de 4,2% no acumulado do período. Esse resultado, embora menos intenso em comparação ao observado em Pernambuco, foi substancialmente influenciado pelos desempenhos negativos de quatro dos cinco polos industriais da região pesquisados pelo IBGE. Além de Pernambuco, destacaram-se as quedas no Rio Grande do Norte (-19,7%), no Maranhão (-8,7%) e no Ceará (-0,7%). Apenas a Bahia, que registrou crescimento de 2,4%, apresentou desempenho positivo — porém, insuficiente para alterar o cenário da Região Nordeste.

À exceção do Maranhão, cujo maior impacto negativo se concentrou nas indústrias extrativas, tanto o Ceará quanto o Rio Grande do Norte, assim como Pernambuco, enfrentaram desafios relevantes no segmento de derivados de petróleo. Além dos fatores setoriais, o ambiente macroeconômico regional — marcado por limitações de demanda,

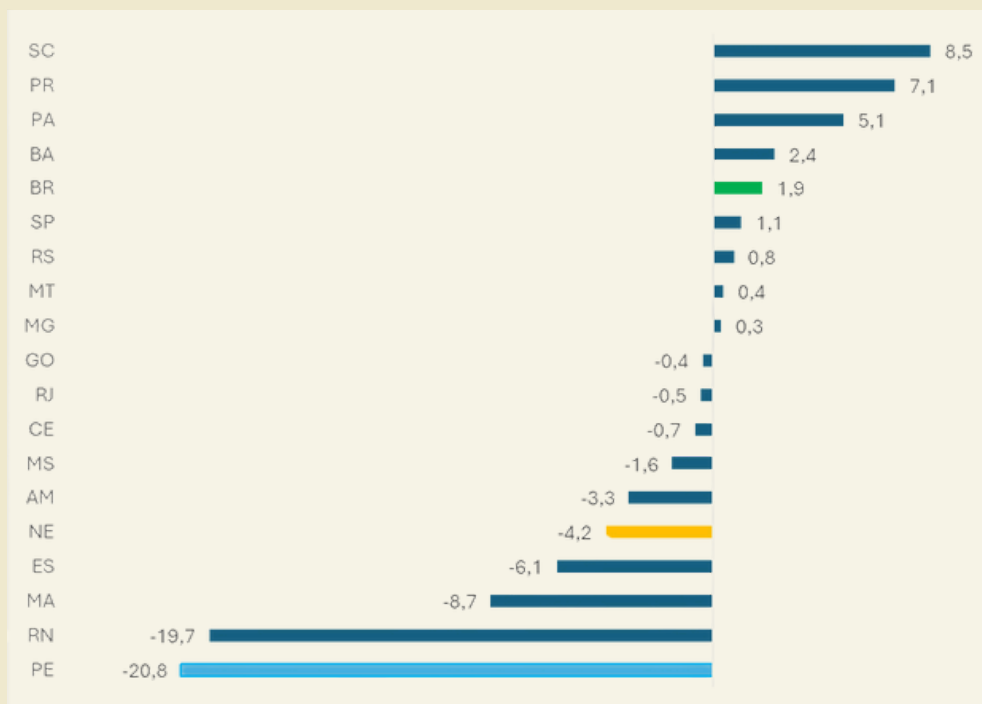


custos logísticos elevados e gargalos de infraestrutura — também contribuiu para o fraco desempenho da atividade industrial nordestina no trimestre.

No cenário nacional, a indústria brasileira apresentou uma variação oposta à observada no Nordeste e em Pernambuco. No trimestre em questão, a produção industrial nacional cresceu 1,9%. Esse resultado evidencia a heterogeneidade da dinâmica industrial do país, refletindo movimentos díspares entre os diferentes parques produtivos regionais.

Enquanto os estados do Sul, Pará, Bahia, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais apresentaram sinais de recuperação — sustentados principalmente pela resiliência da agroindústria, pelo avanço da produção de bens de capital e pela expansão do setor automotivo —, as retrações observadas nos demais estados exerceram efeito moderador sobre o desempenho agregado da indústria nacional. Esse quadro reforça a importância dos determinantes regionais na configuração atual da indústria brasileira, bem como a necessidade de políticas públicas específicas que considerem as particularidades e os desafios estruturais de cada região.

O gráfico abaixo apresenta o comparativo do desempenho industrial acumulado no primeiro trimestre de 2025 de Pernambuco, Nordeste, Brasil e dos demais estados pesquisados pelo IBGE:



**Figura 1 – Taxas de Crescimento (%) acumuladas no ano da Indústria Geral
Brasil, Nordeste e Estados selecionados – 2025**

Fonte: IBGE – Produção Industrial Mensal (PIM-PF) 2025

(Base: igual período do ano anterior)

PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS MESES

As perspectivas para os próximos meses indicam um cenário de recuperação parcial da atividade industrial em Pernambuco, impulsionado, principalmente, pela retomada plena das operações da Refinaria Abreu e Lima (RNEST). A conclusão das obras do Trem 1 e o retorno integral das atividades operacionais a partir de abril deverão gerar uma reação significativa na produção de derivados de petróleo, setor de elevado peso na estrutura industrial do estado, contribuindo diretamente para uma reversão, ao menos parcial, das retrações observadas no primeiro trimestre de 2025.

Paralelamente, observa-se uma tendência de manutenção do dinamismo nos setores alimentício e químico, sustentada por fundamentos estruturais como a resiliência da demanda doméstica, o fortalecimento das exportações e a recomposição gradual das cadeias produtivas associadas. Esses segmentos têm se beneficiado não apenas do comportamento favorável do mercado interno, mas também da maior integração comercial do estado, especialmente via o Porto de Suape.

Apesar desses vetores de recuperação, permanecem desafios relevantes no horizonte. Entre os principais entraves estão o elevado custo do crédito em decorrência da taxa básica de juros alta e com tendência de elevação, que continua restringindo tanto o consumo quanto os investimentos produtivos; as persistentes pressões sobre os custos logísticos, intensificadas por deficiências na infraestrutura viária e portuária; além da necessidade de uma retomada mais consistente da demanda nacional, que permanece fragilizada diante de um cenário macroeconômico ainda marcado por incertezas. Esse conjunto de fatores limita, no curto prazo, uma recuperação mais robusta e sustentada da indústria pernambucana, exigindo atenção contínua por parte dos formuladores de políticas públicas e dos agentes econômicos locais.

REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física - Divulgação Regional - março 2025. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfrg/brasil>



ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO (IPCA)

Análise do primeiro quadrimestre de 2025

Carlos Filipe de Albuquerque Braga

filipebraga.economia@gmail.com

Conselheiro Suplente do Corecon-PE e Analista de Inovação Sr no Porto Digital



Patrícia de Souza da Silva

econ.patricia@gmail.com

Conselheira do Corecon-PE e CEO da Invespe Consultoria, Negócios e Projetos



INTRODUÇÃO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é o principal indicador oficial da inflação no Brasil. Calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse índice mede a variação dos preços de um conjunto de produtos e serviços consumidos por famílias com renda mensal entre 1 e 40 salários mínimos, residentes em áreas urbanas. Os dados são coletados em 16 regiões metropolitanas, incluindo Recife, e refletem o custo de vida da população ao longo do tempo.

PANORAMA NACIONAL

Em março de 2025, a inflação no Brasil sinalizou desaceleração, com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrando variação de 0,56%. Esse resultado representa uma redução de 0,75 ponto percentual (p.p.) em relação a fevereiro (1,31%), mês fortemente impactado por reajustes sazonais nos segmentos de educação e transportes.

Já em abril de 2025, a trajetória de desaceleração inflacionária foi mantida, com o IPCA apresentando variação de 0,43%, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da desaceleração no curto prazo, o resultado de abril ainda representa o maior patamar para o mês desde 2023, evidenciando que as pressões inflacionárias, embora atenuadas, permanecem latentes no cenário macroeconômico.

A elevação do índice em abril foi impulsionada, sobretudo, pelo avanço nos preços dos alimentos e pelo realinhamento das tarifas de energia elétrica em determinadas regiões. Esses movimentos refletem os efeitos da política de recomposição tarifária, bem como condições climáticas adversas que impactaram a oferta de produtos in natura.



Com esses resultados, o acumulado do primeiro quadrimestre de 2025 alcançou 2,48%, superando de forma expressiva o valor observado no mesmo período de 2024 que foi de 1,80%, de acordo com o IBGE. O comportamento inflacionário no início do ano reflete uma combinação de fatores, entre os quais se destacam: pressões no grupo Alimentação e Bebidas, especialmente em produtos básicos da cesta de consumo das famílias; repercussão prolongada dos reajustes educacionais de início de ano; alta nos combustíveis, que afetou diretamente os custos de transporte e logística; efeitos pontuais em preços administrados, com destaque para energia elétrica e transporte público.

No acumulado em 12 meses até abril de 2025, o IPCA atingiu 5,53%, permanecendo acima do teto da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que para 2025 é de 4,5%, com margem de tolerância de 1,5 p.p. para cima ou para baixo. Tal desvio da trajetória de metas inflacionárias coloca em evidência os desafios enfrentados pela autoridade monetária, que tem mantido a taxa Selic em patamar elevado com o objetivo de ancorar as expectativas de inflação e reduzir a inércia inflacionária.

O cenário do quadrimestre exige atenção redobrada por parte dos formuladores de política econômica, sobretudo diante das incertezas associadas a: volatilidade cambial, em função do cenário externo mais restritivo e do comportamento das commodities; preços administrados, cuja dinâmica pode impor resistência ao processo de desinflação; e incertezas fiscais, que influenciam diretamente a percepção de risco e o comportamento das expectativas inflacionárias de médio e longo prazo.

Embora a inflação tenha mostrado algum alívio em março, os dados de abril apontam nova pressão sobre os preços, especialmente no acumulado de 12 meses. Isso reforça a necessidade de cautela na política monetária e destaca a importância de uma atuação coordenada entre as políticas fiscal e monetária para que a inflação volte à meta no prazo adequado.

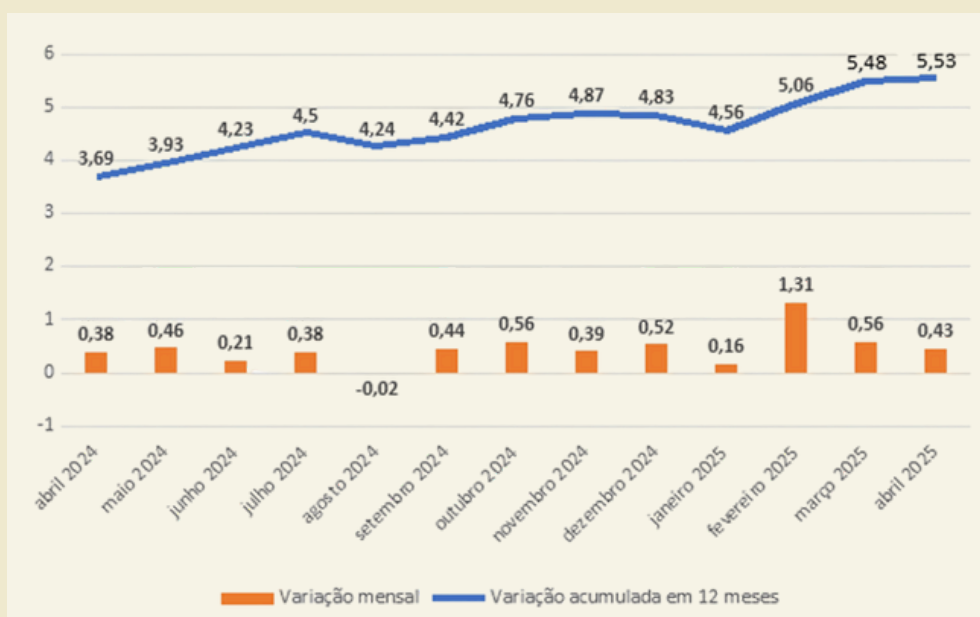


Figura 1 – Variação mensal x variação acumulada em 12 meses (Nacional)

Em doze meses, o IPCA acumulado atingiu 5,53%, superando o teto da meta inflacionária definida em 4,5%. Na decomposição do índice, observou-se alta generalizada nos grupos pesquisados, com ênfase nos segmentos de saúde e cuidados pessoais (+1,18%), vestuário (+1,02%) e alimentação e bebidas (+0,82%). A exceção ficou por conta do grupo transportes, que apresentou recuo de 0,38%. No acumulado do ano, destacaram-se as maiores variações positivas nos grupos de educação (+5,14%), alimentação e bebidas (+3,70%), saúde e cuidados pessoais (+2,83%) e transportes (+1,99%).

Brasil – abril 2025			
Índice geral e grupos de produtos e serviços	Variação mensal (%)	Variação acumulada no ano (%)	Peso mensal (%)
Índice geral	0,43	2,48	100,0000
Alimentação e bebidas	0,82	3,70	21,8666
Habituação	0,14	1,61	14,9813
Artigos de residência	0,53	1,01	3,6067
Vestuário	1,02	1,47	4,5996
Transportes	-0,38	1,99	20,6950
Saúde e cuidados pessoais	1,18	2,83	13,4023
Despesas pessoais	0,54	1,90	10,0981
Educação	0,05	5,14	6,1217
Comunicação	0,69	0,93	4,6287

Tabela 1 – Índice geral e grupos de produtos e serviços - Brasil
Fonte: IBGE

PANORAMA LOCAL – RECIFE/PE

Em Recife, a inflação acumulada no primeiro quadrimestre de 2025 foi de 2,10%, inferior à média nacional de 2,48% e superior ao registrado no mesmo período de 2024 (1,80%). Esse resultado reflete um cenário de pressão inflacionária moderada na capital pernambucana, com variações mais expressivas em grupos específicos.

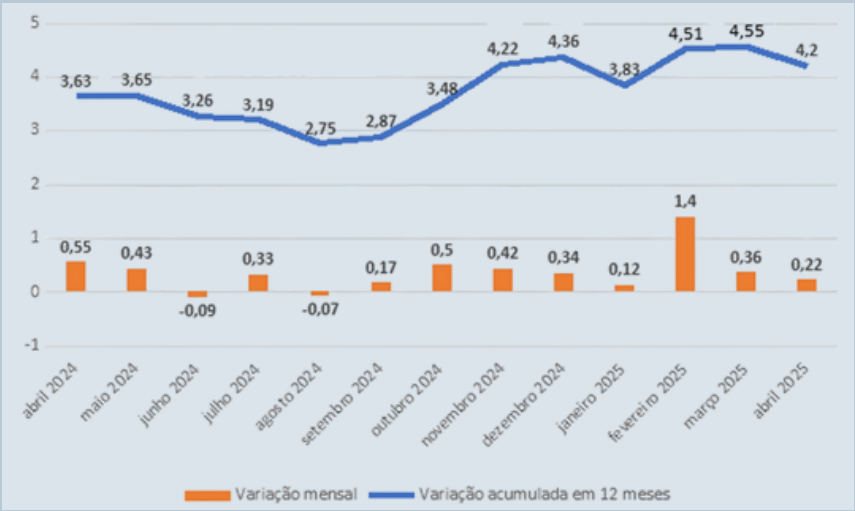


Figura 2 – Variação mensal x variação acumulada em 12 meses (Recife)



No acumulado do primeiro quadrimestre de 2025, os grupos que mais pressionaram o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em Recife foram: educação (5,15%), transportes (3,36%), alimentação e bebidas (2,80%) e saúde e cuidados pessoais (2,03%).

O grupo educação liderou os impactos inflacionários, reflexo dos reajustes escolares aplicados no início do ano letivo. Em seguida, transportes registrou elevação significativa, ainda que tenha apresentado queda em abril, resultado que não foi suficiente para reverter a alta acumulada no período.

Alimentação e bebidas, com alta de 2,80%, exerceram forte influência sobre o índice, considerando sua importância no orçamento familiar. Já o grupo saúde e cuidados pessoais, mesmo com um percentual mais moderado de 2,03%, também contribuiu para o avanço do IPCA, impulsionado por aumentos em medicamentos e itens de higiene e cuidado pessoal.

Esse cenário revela uma inflação impulsionada por grupos com forte peso no consumo cotidiano, exigindo cautela na condução da política monetária e atenção redobrada a fatores sazonais e reajustes regulados.

Recife – abril 2025			
Índice geral e grupos de produtos e serviços	Variação mensal (%)	Variação acumulada no ano (%)	Peso mensal (%)
Índice geral	0,22	2,11	100,0000
Alimentação e bebidas	0,64	2,80	24,1077
Habitação	-0,15	0,23	13,3376
Artigos de residência	-0,13	0,21	3,8261
Vestuário	0,22	-0,21	5,7358
Transportes	-0,57	3,36	19,3153
Saúde e cuidados pessoais	0,66	2,03	15,1096
Despesas pessoais	0,62	1,57	8,4311
Educação	0,19	5,15	6,2309
Comunicação	0,54	0,52	3,9059

Tabela 2 – Índice geral e grupos de produtos e serviços - Recife/PE
Fonte: IBGE

COMPARATIVO BRASIL X RECIFE

IPCA acumulado no primeiro quadrimestre de 2025

A análise comparativa entre o IPCA nacional e o registrado em Recife no primeiro quadrimestre de 2025 evidencia nuances importantes no comportamento dos preços, influenciadas por fatores regionais. Segundo o IBGE, enquanto o Brasil apresentou um IPCA acumulado de 2,48%, Recife fechou o mesmo período com 2,10%, revelando uma inflação ligeiramente inferior à média nacional. Essa diferença pode ser atribuída, sobretudo, ao desempenho mais ameno nos grupos de habitação e vestuário na capital pernambucana.



Do ponto de vista setorial, destaca-se que o grupo Educação teve comportamento similar em ambas as esferas: 5,14% no Brasil e 5,15% em Recife. Em Alimentação e Bebidas, Recife apresentou inflação de 2,80%, inferior à média nacional (3,70%), sinalizando um possível alívio no custo da cesta básica na região. Por outro lado, o grupo Transportes registrou maior impacto em Recife (3,36%) do que no Brasil (1,99%), o que pode estar relacionado ao reajuste local de tarifas de transporte público e combustíveis.

A comparação demonstra a relevância de análises regionalizadas da inflação, uma vez que o comportamento dos preços reflete a interação entre fatores macroeconômicos e particularidades locais, como estrutura de consumo, sazonalidade de produtos e políticas públicas municipais.

Esse cenário reforça a importância de políticas públicas e estratégias empresariais adaptadas às particularidades regionais para o controle da inflação e a manutenção do poder de compra da população.

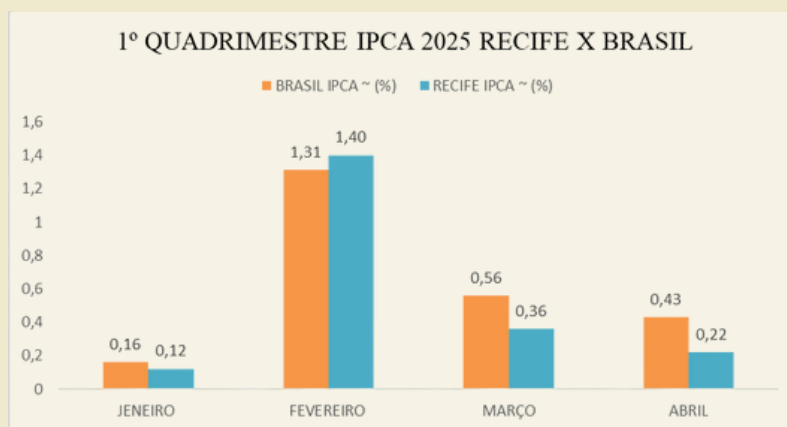


Figura 3 – Variação comparativa entre Brasil e Recife-PE

REFERÊNCIAS

Brasil Indicadores – Disponível em: <https://brasilindicadores.com.br/ipca>. Acesso em 27 de maio de 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de Inflação – março de 2025. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2025.

Confederação Nacional dos Municípios (CNM) – Disponível em: <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/informativo-da-cnm-de-abril-indica-aumento-da-inflacao-em-67-dos-itens-analisados>. Acesso em 26 de maio de 2025

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - IPCA. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca>. Acesso em 13 de maio 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - IPCA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 maio 2025.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Indicadores de Inflação. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/>. Acesso em: 25 maio 2025.



PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA (PNAD CONTÍNUA)

Análise dos dados de Desemprego

Carlos Filipe de Albuquerque Braga

filipebraga.economia@gmail.com

Conselheiro Suplente do Corecon-PE e Analista de Inovação Sr no Porto Digital



BRASIL

A taxa de desemprego do país no primeiro trimestre de 2025 ficou em 7,0% um crescimento 0,8 ponto percentual (p.p.) frente ao trimestre anterior (6,2%) e caiu 0,9 p.p. ante o mesmo trimestre móvel de 2024 (7,9%). Vale destacar que, mesmo com a elevação frente ao trimestre anterior, o resultado do 1T25 é a menor taxa de desemprego para este trimestre da série histórica.



Figura 1 – Taxa de Desocupação Brasil (%)

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Divulgação Trimestral

Esse crescimento pode ser atribuído ao movimento sazonal do mercado de trabalho, marcado pelo encerramento de contratos temporários firmados para as vendas durante as festas de fim de ano. Vale destacar, ainda, que o mercado de trabalho vem demonstrando resiliência, mesmo diante do elevado custo do crédito.

Na análise estratificada por gênero, raça e nível de escolaridade, observa-se que a taxa de desocupação foi de 5,7% para homens, enquanto entre as mulheres alcançou 8,7%, evidenciando uma diferença significativa entre os gêneros.

Sob a perspectiva de cor ou raça, a taxa de desocupação situou-se abaixo da média nacional entre os brancos (5,6%), mas ficou superior entre os pretos (8,4%) e pardos (8,0%), o que pode indicar uma desigualdade estrutural do mercado de trabalho.



Quando se considera o nível de escolaridade, pode-se observar que a maior taxa de desocupação ocorre entre as pessoas com ensino médio incompleto (11,4%) o que é bem superior a taxa geral de desemprego. Para os indivíduos com nível superior incompleto, a taxa foi de 7,9% mais que o dobro do observado entre os que possuem nível superior completo (3,9%).

O percentual de desalentados — indivíduos que desistiram de procurar trabalho por acreditarem que não encontrariam uma ocupação — foi de 2,8% da força de trabalho ou desalentada no país.

UNIDADES DA FEDERAÇÃO

A taxa de desocupação também registrou aumento em 12 das 27 unidades da federação, permanecendo estável nas outras 15. Os estados de Pernambuco, Bahia e Piauí apresentaram as maiores taxas, com 11,6%, 10,9% e 10,3%, respectivamente. Na outra ponta as menores taxas de desocupação foram observadas nos estados de Santa Catarina (3,0%), Rondônia (3,1%) e Mato Grosso (3,5%).

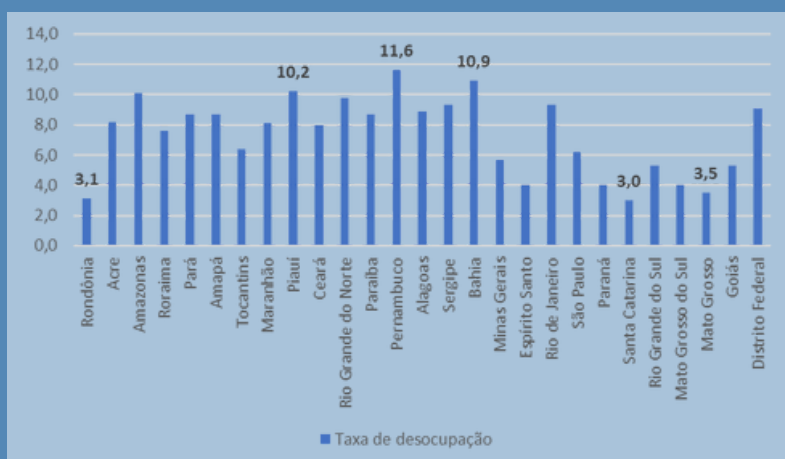


Figura 2 – Taxa de desocupação estados (%) – 1T25

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Divulgação Trimestral

Apesar do aumento de 1,4 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, Pernambuco apresentou uma redução de 0,8 ponto percentual na taxa de desemprego em relação ao mesmo período de 2024, sinalizando uma leve melhora nas condições do mercado de trabalho local. Contudo, observa-se que o índice de desocupação permanece significativamente elevado entre os jovens, alcançando aproximadamente um quarto da população na faixa etária de 14 a 24 anos. Esse dado reforça as barreiras enfrentadas por esse público na inserção no mercado de trabalho, seja pela falta de experiência profissional, seja pela maior rotatividade característica desse grupo etário. Diante desse cenário, impõe-se a adoção de políticas públicas estruturadoras, como a ampliação de programas de aprendizagem profissional (nos moldes do Programa Jovem Aprendiz), o fortalecimento das escolas técnicas estaduais em parceria com o Sistema S



(SENAI, SENAC), e a criação de incentivos fiscais para empresas que absorvam jovens em primeiro emprego. Além disso, convém fomentar iniciativas de empreendedorismo juvenil e garantir suporte continuado por meio de mentorias e acesso ao crédito orientado, como forma de estimular a autonomia produtiva da juventude pernambucana.

CONCLUSÃO

Os dados do primeiro trimestre de 2025 mostram um contraste claro entre o mercado de trabalho brasileiro e o pernambucano. Mesmo com sinais de melhora em relação ao ano passado, Pernambuco segue com a maior taxa de desemprego do país (11,6%), bem acima da média nacional (7,0%) e da média do Nordeste (9,8%).

Esse resultado não é por acaso. É reflexo de problemas antigos que seguem sem solução:

- **Economia pouco diversificada:** o estado ainda depende de setores com baixa geração de valor, como o comércio informal e uma parte da agroindústria tradicional.
- **Falta de qualificação da mão de obra:** grande parte dos trabalhadores, especialmente no interior, ainda não possui formação adequada para atuar nos setores mais modernos e exigentes da economia.
- **Infraestrutura e logística deficientes:** o estado ainda sofre com estradas precárias, baixa integração entre regiões e ausência de estrutura competitiva para atrair grandes investimentos.
- **Desemprego elevado entre os jovens:** a alta taxa de desocupação nessa faixa etária agrava o cenário e reforça a urgência de medidas estruturantes.

Diante desse contexto, Pernambuco precisa de políticas públicas mais firmes, realistas e alinhadas à sua realidade socioeconômica. Entre as prioridades, destacam-se:

- Investir na qualificação profissional, preparando os jovens para o mercado.
- Criar incentivos para que empresas se instalem e gerem empregos de verdade.
- Melhorar a infraestrutura e a logística, conectando melhor o estado e facilitando os negócios.

Em resumo, o desafio é grande, mas existe um caminho claro: formar pessoas, atrair empresas e organizar o ambiente para gerar mais oportunidades. Só assim Pernambuco vai conseguir reduzir o desemprego e avançar de forma sustentável.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Divulgação Trimestral - 1º trimestre 2025. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 27/05/2025.



É de inteira responsabilidade do(s) autor(es) desta edição do Boletim os conceitos e opiniões emitidos, não refletindo necessariamente a opinião da Comissão de Estudos Econômicos e do Conselho Editorial do Observatório do Corecon-PE.

Presidente: Poema Isis Andrade de Souza

Vice-Presidente: Ana Cláudia de Albuquerque Arruda Laprovitera

Comissão de Estudos e Pesquisas Econômicas | Comitê Editorial

Poema Isis Andrade de Souza (Coordenadora)

Carlos Filipe de Albuquerque Braga

Cezar Augusto Lins de Andrade

Isabel Pessoa de Arruda Raposo

Patrícia de Souza da Silva

Gerente Executiva: Rayssa Kelly Melo das Mercês

Projeto Gráfico

Rayssa Kelly Melo das Mercês

Rogério Alves da Silva Júnior

Contato

Conselho Regional de Economia da 3ª Região - PE

Rua do Riachuelo, 105/212, Boa Vista, Recife/PE

(81) 99985-8433 | (81) 3039-8842 | (81) 3221-2473

www.coreconpe.gov.br

coreconpe@coreconpe.gov.br

[@corecon.pe](https://www.instagram.com/corecon.pe)

Boletim produzido pela Comissão de Estudos e Pesquisas Econômicas do Corecon-PE.

